

***Videoclipe: música para ver  
(e para ouvir, refletir, debater, criar e, até, cantar)***

**Patricia Ruel de Oliveira**

CPII – Colégio Pedro II

**Andréa Castro**

CPII - Colégio Pedro II / UERJ

**Resumo**

Esse artigo relata a experiência vivida com alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II através da atividade “Para el Pueblo lo que es del pueblo”. Nela, os alunos, utilizando a web e um software de edição de vídeo, trabalharam com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e com linguagens artísticas, desenvolveram habilidades linguísticas, entrelaçaram saberes e construíram conhecimentos difíceis de deletar.

**Palavras chave:** Linguagens artísticas; Construção de conhecimentos; TICs.

**Abstract**

This article reports on a hands-on experience with high school students from Colégio Pedro II while developing the activity entitled: “Para el Pueblo lo que es del Pueblo”. By using the web and a video editing software, students were able to not only work with Information and Communication Technologies (ICTs) and with artistic languages, but also to develop their linguistic skills, interweaving accessible information and finally building retaining knowledge.

**Keywords:** Artistic languages, knowledge construction, ICTs

**A LINGUAGEM AUDIOVISUAL, O JOVEM E A ESCOLA**

A linguagem, seja ela de que tipo for, está relacionada à comunicação e serve para expressar ideias, pensamentos, opiniões e sentimentos. Em se tratando da linguagem audiovisual temos, como o próprio nome indica, a junção de som e imagem, ingredientes sempre presentes na receita de vida dos jovens. Quem nunca teve um aluno com o fone no ouvido e o som nas alturas, jurando que o aparelho estava desligado? Quem nunca teve um aluno desenhando na mesa, buscando figuras no livro recebido, vendo fotos no celular ou usando jogos desse aparato? A linguagem audiovisual é percebida pelos olhos e ouvidos, órgãos extremamente solicitados pelo mundo contemporâneo carregado de sons e imagens (tudo junto e misturado; tudo ao mesmo tempo, agora). Com a visão e a audição aguçadas, o jovem é atraído por um sistema que lhe oferece mensagens imediatas recheadas de cores,

sons, imagens e movimentos. Os alunos são íntimos dos recursos que a tecnologia proporciona e a interação com as linguagens que emergem da cultura digital em questão acaba por ser algo natural, já que “o acesso a ela é possível em todo momento e em qualquer lugar” (BECKER, 2014:04).

E qual é o papel da escola no cenário digital contemporâneo que, muitas vezes, se confunde com produções para a MTV (canal de televisão que, inicialmente, tinha como propósito a exibição de videocliques)?

Carvalho e Cruz (2007:241) sugerem ser de suma importância que as inovações tecnológicas provoquem mudanças no cotidiano escolar, que a escola estabeleça relações com outros universos de informação e que se abra a outras situações de aprendizagem. Ainda segundo os autores, “a geração ‘.com’ espera muito mais das aulas do que simplesmente ouvir o que o professor tem a dizer”. Também Litwin (1997:131) considera que “o desenvolvimento da tecnologia atinge de tal modo as formas de vida da sociedade que a escola não pode ficar à margem”. A autora afirma que “se reconhecermos que os estudantes diferem na maneira como têm acesso ao conhecimento em termos de interesse e estilos, deveremos nos preocupar por criar portas de entrada diferentes para que iniciem o processo do conhecimento” (LITWIN, 1997:126).

Os métodos tradicionais têm um importante valor e, algumas vezes, são indispensáveis. Porém, mudanças pedagógicas são bem-vindas para o aluno, e também para o professor. Ambos informam-se, formam-se e transformam-se de diversas maneiras com aulas que se diferenciam do formato tradicional.

A prática de utilizar linguagens variadas para lecionar espanhol já pertence ao meu cotidiano. Devido ao apelo junto aos jovens, a linguagem audiovisual está sempre muito presente nas minhas aulas. Este trabalho, desenvolvido para a produção dos videocliques, é parte do objeto de investigação da pesquisa em andamento “Espanhol com arte: pintura, cinema e ‘otras cositas’ em sala de aula (e fora dela)”, que trata do uso de linguagens artísticas em aulas de espanhol, no curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II.

Assim, o objetivo desse relato é compartilhar a experiência pedagógica com a produção de videocliques (entendido aqui por produto audiovisual de curta duração que traduz uma canção por meio de imagens) realizada entre junho e setembro de 2013, com turmas de 2ª série do Ensino Médio do Colégio Pedro II (CPII) / Campus Engenho Novo II, como parte das atividades desenvolvidas sobre o período da ditadura na América Latina. O assunto é

abordado em *Memórias do silêncio*, unidade integrante do livro didático *Enlaces*, adotado pelo Departamento de Espanhol da referida instituição.

## PARA EL PUEBLO LO QUE ES DEL PUEBLO

*Para el pueblo lo que es del pueblo* foi o título dado à atividade que teve a montagem de um videoclipe como produto final para o segundo trimestre do ano letivo. A proposta implicava uma criação audiovisual, de curta duração. Tal realização foi entendida como a produção de um videoclipe, que traduzia com imagens uma música de protesto. Inicialmente, perguntei aos alunos o que sabiam sobre o período de ditadura no Brasil. Fiz alguns comentários a partir da fala deles e repeti a pergunta, trocando nosso país por vizinhos latino-americanos e também pela Espanha. Mais uma vez, fiz intervenções e citei algumas curiosidades (a polêmica sobre a Copa do Mundo de 1978 sempre desperta o interesse dos alunos). Os textos que o livro didático oferece são bem ricos e proporcionam não só uma ótima exploração do tema, como também um bom trabalho com a língua espanhola. *Enlaces* oferece, ainda, sugestões de filmes e canções de protesto. Dos títulos sugeridos, escolhi exibir o filme “Machuca”, que trata da relação de amizade entre adolescentes chilenos de classes sociais diferentes, e que se passa no período de tensão que culminou no golpe de Pinochet. A película fez sucesso entre os alunos, que se saíram muito bem no debate que se seguiu a exibição.

Ao final do debate, voltei às cenas de protesto contidas no filme e abri um novo diálogo: **Protestar: por quê, como, onde e quando?** O assunto rendeu muitas reflexões, visto o momento político que vivia o Brasil (passeatas, caso Amarildo, *black blocs*, etc). Em meio a ondas de protesto, falei sobre canções que servem para tal ação.

Na aula seguinte, levei as letras impressas e os áudios das seguintes músicas em espanhol: “Para el pueblo lo que es del Pueblo” (Piero), “Desapariciones” (Maná e Ruben Blades.), “El Matador” (Los Fabulosos Cadillacs), “Ellas danzan solas” (Sting), “La carta” (Violeta Parra), “Querido Amigo” e “A pesar de usted” (Chico Buarque, versão de Daniel Viglietti) e “La marcha de la bronca” (Pedro e Pablo). Foram necessários dois encontros (com aulas de 2 tempos de 45 minutos) para que toda essa trilha fosse escutada, contextualizada historicamente, analisada, discutida e, também, cantada. Com isso, a recordação de alguns conteúdos gramaticais e a fixação de outros vieram a reboque.

O passo seguinte foi dividir duas turmas em grupos para que os mesmos escolhessem uma das músicas apresentadas. Com o número de 4 ou 5 componentes formei 5 grupos em uma turma e 6 grupos na outra. “La marcha de la bronca” e “La carta” não foram escolhidas

por nenhum aluno. Em relação à divisão, deixei que se agrupassem livremente, mas cuidei para que em cada equipe houvesse, pelo menos, um aluno que dominasse o Windows Movie Maker (WMM) - software de edição de vídeo da Microsoft proposto para ser utilizado na criação e edição dos videoclipes.

Saímos da sala de aula e fomos ao laboratório de informática do *campus* Engenho Novo do Colégio Pedro II. A proposta era usar a Internet para capturar imagens que ilustrassem os versos da música escolhida. Para salvar o material pesquisado, foram propostas diversas formas de arquivo: envio por e-mail, pen drive, cartão de memória do telefone celular e gravação em CD (nosso tempo no laboratório era escasso e não se podia correr o risco de perder parte do trabalho). Tudo deu certo. Visitamos esse espaço mais uma vez, agora para a produção do videoclipe, que deveria ter legendas e um texto de apresentação em espanhol. Sincronizar imagens e versos que, por vezes, são cantados em ritmo rápido não é tarefa fácil. No entanto, foram exceções os alunos que encontraram alguma dificuldade para realizar tal ação.

Os videoclipes me foram entregues gravados em pen drives ou CDs. Assisti atentamente a cada um deles e sinalizei aspectos positivos e pontos que poderiam ser melhorados no que se refere aos objetivos a serem atingidos. Devolvi-os e, com exceção de um grupo de uma das turmas, todos fizeram (ou tentaram fazer) os ajustes em suas produções. Após a semana de provas, quando os alunos não têm aulas, ocorreu uma nova visita ao laboratório para uma **sessão de cinema**. Assistimos aos videoclipes de todos os grupos da turma e, em espanhol, fizemos comentários, tecemos elogios e demos sugestões. Nesse momento tivemos uma oportunidade de compartilhamento e colaboração a respeito das produções apresentadas. Na verdade, aconteceu no ambiente escolar o que já é comum à geração envolvida com tecnologia, sobretudo nas interações via web. Gostaria muito de ter conseguido realizar uma sessão única, envolvendo as duas turmas, mas, pela composição de horários, não foi possível fazê-lo.

Esse processo durou, praticamente, toda a certificação em curso (no CPII, cada etapa do ano letivo denomina-se **certificação**). Não posso dizer que todos os momentos foram de encantamento e euforia. Uma atividade como essa, constituída de várias etapas, exige muito mais que estudar em casa (ou não) e, depois, fazer um teste ou uma prova. Aliás, em alguns momentos, vários alunos pediram que a produção do videoclipe, um dos instrumentos de avaliação da certificação, fosse substituída por um teste. Alguns reclamaram de muito trabalho, outros se incomodaram com o fato de quase todas as etapas serem desenvolvidas na

escola e sob minha supervisão e orientação, pois, dessa forma, não era possível “descansar nenhum pouquinho...”.

Atividades dessa natureza são trabalhosas para os alunos, mas também o são para o professor. Precisei colher informações sobre as canções e seus respectivos autores e cantores, estudar sobre os períodos ditatoriais em países hispânicos e conhecer, minimamente, o funcionamento e as possibilidades do WMM.

Não sei se inovei com a atividade descrita (para falar a verdade, acho que não), porém comprovei a necessidade de acompanhar as mudanças tecnológicas, pois isso me aproxima dos alunos e permite-me conhecer e avaliar novas e possíveis ferramentas para a minha prática.

Ainda sobre a atividade, precisei, também, estar atenta ao calendário escolar e ao conteúdo obrigatório. A combinação desses dois itens desespera qualquer professor e comigo não foi diferente. Equacionar tal dever com *Para el pueblo lo que es del pueblo* foi uma tarefa que exigiu um planejamento minucioso e uma certa dose de coragem. Planejamento minucioso porque foi preciso organizar a atividade passo a passo, considerando o número de aulas, o tempo disponível, a grade de horários dos espaços específicos (laboratório de informática e sala de vídeo), o desenvolvimento de conteúdos gramaticais determinados no plano de curso e a margem de segurança necessária (contratempos acontecem e a melhor solução é incluí-los no planejamento como algo já certo). Coragem, porque trabalhar da maneira descrita significa sair da zona de conforto, abrir mão de atividades já conhecidas e experimentadas e deixar de priorizar (não de trabalhar) conteúdos gramaticais por acreditar em um conhecimento muito maior, construído através do uso de uma tecnologia, até então, desconhecida para mim. Sobre o uso do WMM, em especial, Carvalho e Cruz (2007:242) afirmam que:

Este software ajuda a estimular a criatividade do aluno, ao mesmo tempo que confere ao aluno o estatuto de autor. (...) Os alunos podem criar trabalhos originais e criativos respondendo às exigências curriculares disciplinares e não-disciplinares ao mesmo tempo que estão motivados para a aprendizagem de conteúdos em particular. (...) Só pode haver conhecimento quando os alunos são chamados a conhecer, a construir e não quando são chamados apenas a memorizar o conteúdo apresentado pelo professor.

*Para el pueblo lo que es del pueblo* veio com riscos e desafios, mas também trouxe ótimos resultados. Se, em algum momento, surgiu o cansaço ou a falta de paciência com o longo processo, os trabalhos superaram as expectativas. Os alunos compreenderam os períodos de ditadura vividos pelo Brasil, Espanha e alguns países da América do Sul e, desde uma perspectiva intercultural, perceberam as semelhanças e diferenças entre elas. Também

compreenderam o que leram em espanhol sobre o assunto nas suas pesquisas, estabeleceram semelhanças e diferenças com o contexto político atual, foram capazes de, com uma percepção auditiva apurada, produzir o videoclipe com clareza, organização e correção. Da mesma forma, redigiram a introdução que iniciava os vídeos, foram responsáveis, cumprindo o prazo de entrega e trouxeram informações e reflexões em suas apresentações, expondo-as em língua espanhola. Além disso, produções que mesclaram fotos e gravuras com imagens em movimento foram gratas surpresas.

O saldo foi positivo também para mim. Mais do que comprovar que os objetivos que tracei foram atingidos, confirmei o quanto, muitas vezes, rotulamos os alunos, fechando-nos em sistemas de avaliação com critérios limitados. Esperamos resultados comuns por meio de caminhos habituais e deixamos de perceber habilidades que também podem levar ao conhecimento. *Para el pueblo lo que es del pueblo* não seguiu uma trilha usual, mas, sem dúvida, os alunos fizeram uma rica caminhada.

### **TICS NA ESCOLA: AFINAL, POR QUE SIM? AFINAL, POR QUE NÃO?**

“Todos utilizam alguma tecnologia em suas aulas. As expositivas, o agrupamento dos alunos segundo a idade, os livros-textos, etc.”, diz Sancho (2001:40). A autora defende que o que os professores fazem para alcançar suas metas é conhecimento na ação, é tecnologia. Defende, ainda, que “a tecnologia foi utilizada em todos os sistemas educacionais e não se pode confundir com os aparelhos, com as máquinas ou as ferramentas.” Nesse sentido, compreende-se que tecnologia é algo que abarca vários campos, e que o professor utiliza-se não só de instrumentos tecnológicos (o livro, a lousa e a caneta, dentre outros), mas também de tecnologias simbólicas (linguagem ou o conteúdo do currículo, por exemplo) e tecnologias organizadoras (disciplina, controle de aprendizagem, etc.). Sendo assim, cabe perguntar: por que a palavra **tecnologia** incomoda muitos professores?

Na verdade, são os meios e aparatos que despertam as pessoas a cada amanhecer (dorme-se com o último modelo de um determinado equipamento e acorda-se já ultrapassado) que perturbam os professores que não têm afinidade com eles. Não se pode negar que o uso de tecnologias faz parte da vida do professor, ainda que ele não se dê conta disso. Da mesma forma, não se pode negar que esse professor precisa não só dessa consciência, mas de ter claro que as novas tecnologias vieram para ficar e que elas podem e devem entrar na sala de aula.

Contudo, as novas TICs aparecem para a escola e, conseqüentemente, para os docentes como a solução dos problemas da educação. Laboratórios de Informática e a possibilidade de

acesso à Internet aparecem como a receita para se ter turmas interessadas e alunos com bom rendimento. A cobrança é grande. Ainda que não seja direta, declarada, o professor que não se utiliza da **maravilha curativa** das TICs é classificado como tradicional (característica que aparece como um defeito) e descrito com um gestual que encena o uso de antolhos, indicando que o docente não enxerga nada a sua volta.

“Frente à tecnologia existem diferentes propostas: os que a elogiam sem considerar seus riscos e limitações; os que a criticam sem resgatar aspectos positivos.” (LION, 1997:24) Vou um pouco além: alguns professores mantêm-se impávidos, sem fazer qualquer movimento; vários argumentam contra os avanços tecnológicos na escola; há aqueles que oferecem uma enorme resistência em relação às novas tecnologias e outros que as usam, somente, pela obrigação de estar incluídos em um novo padrão. Porém, existe um grupo que resiste, mas, ainda que desconfiado, busca informações sobre essas tecnologias e sobre as possibilidades que elas podem trazer, e também procuram saber se elas podem oferecer meios para se chegar a determinados objetivos com os alunos. Faço parte desse grupo. Mas nem sempre foi assim...

Antes de usar a Internet para capturar imagens para videocliques ou utilizar-me de recursos do computador para outras atividades (produção de fotonovelas, releituras de obras de pintores hispânicos famosos, dentre outras), fui o que Sancho (1998:42) chama de *tecnófoba*,

ou seja, aqueles para quem o uso de qualquer tecnologia (instrumento, sistema simbólico ou organizador) que eles não tenham usado desde pequenos e tenha passado a fazer parte da sua vida pessoal e profissional representa um perigo para aqueles valores que eles têm.

Ao fim e ao cabo, “a tecnologia não é boa nem má por si” (LION, 1997: 27). No caso das novas TICs, elas trazem informações rápidas, é verdade. Porém, tais informações ficarão na superficialidade, sem tornar o aluno mais crítico, se forem usadas como adorno ou deixadas no patamar das pseudomodernizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, cada vez mais, entendo as novas TICs como algo com potencial pedagógico e que precisa estar disponível para, quando necessário ou possível, ser usado como estratégia para o ensino e para a aprendizagem. Não quero aqui ir ao extremo oposto, levantando a bandeira dos tecnófilos – “aqueles que encontram em cada nova contribuição tecnológica (...) a resposta final para os problemas do ensino e da aprendizagem escolar” (SANCHO, 1998:



43). Usar novas tecnologias sem um objetivo real, somente para fazer algo diferente ou como **carta na manga** para situações em que não se tem **jogada** nenhuma ou, ainda, para fazer parte do grupo **antenado**, é reduzi-las ao fim de uma prática, em lugar de utilizá-la como meio de construção de conhecimento.

Defendo o uso das novas TICs com sua variedade de fontes e respectiva gama de informações, sua capacidade para armazenar e trocar dados e sua nova lógica hipertextual. Defendo o uso das novas TICs, mas com consciência, responsabilidade, bom-senso e de forma equilibrada. Com esse relato, apresento minha experiência com a produção de videoclipes (e toda a tecnologia que dita atividade abarcou) como uma possibilidade de se construir um determinado conhecimento de forma interativa, onde o aluno, protagonista dessa história, é ator e autor.

A produção de videoclipes é somente uma alternativa para que seja desenvolvido um tema qualquer. No caso de *Para el pueblo lo que es del pueblo*, as músicas poderiam inspirar filmes produzidos com a utilização de algum programa de computador ou, até mesmo, usando-se o telefone celular. O filme “Machuca” também poderia ganhar um novo final...

Não há fórmulas, nem receitas de sucesso fechadas em si mesmas. Há, talvez, ingredientes... No entanto, existe uma regra: que o uso da tecnologia seja, acima de tudo, o uso do raciocínio; inspirado em Gilberto Gil, existe um desejo: que criando websites ou fazendo homepages, o aluno veleje em um **informar** e, independente do número de gigabytes, seja coautor na construção de um conhecimento que nada, nem ninguém, será capaz de **deletar**.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Sirléa Marildete Kuntze. Linguagem audiovisual: um toque para a motivação. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1753-8.pdf>> Acesso: 12 jan. 2014.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim & CRUZ, Sonia Catarina Silva. Produção de vídeo com o movie maker: um estudo sobre o envolvimento dos alunos de 9.º Ano na aprendizagem *SIIE'2007*, nº 14, 241-246, 16 Nov. 2007. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7152/1/Cruz&Carvalho-SIIE-2007.pdf>> Acesso em 12 jan.20014.

GIL, Gilberto. (1997). Pela Internet. In: *Quanta*. Warner Music.

LION, Carina Gabriela. (1998). Mitos e Realidades na Tecnologia Educacional. In: SANCHO, Juan María (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, pp. 23-36.



LITWIN, Edith. (1997). Os Meios na Escola. In: LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SANCHO, Juan M. (1998). A Tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: SANCHO, Juan María (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, pp. 23-49.

## AS AUTORAS

**Patricia Ruel de Oliveira** é mestranda do curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II e especialista em Metodologia do Ensino Superior. Professora de Espanhol do Colégio Federal Pedro II e da Fundação de Apoio às Escolas Técnicas do Rio de Janeiro.

**E-mail:** patriciaruel@yahoo.com.br

**Andréa Castro** é doutora em Educação (UERJ), especialista em Docência Superior e Informática Educativa, graduada em Educação Artística (UFRJ). É professora de Informática Educativa no Colégio Federal Pedro II, professora do Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias (UERJ) e pesquisadora da área de tecnologia educacional em suas diferentes formas de inserção na educação básica e na formação de professores.

**E-mail:** prof.andreacastro@gmail.com